



União de Núcleos de Educação Popular para Negras/os e Classe Trabalhadora

Moção de Protesto da UNEAFRO por Reflexão e Mudança de Atitude

25 de julho: Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha

Assembléia Geral da UNEafro - dias 25 e 26 de Julho de 2009 - São Paulo - SP

Em julho de 1992, mulheres negras de 70 países participaram do 1º Encontro de Mulheres Negras da América Latina e do Caribe, em Santo Domingo, na República Dominicana. O último dia do evento, 25 de julho, foi instituído pela ONU, como o **Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha**. Estipulou-se que este dia seria o marco internacional da luta e da resistência da mulher negra, tendo em conta a condição de opressão de gênero e racial/étnica em que vivem as mulheres negras, explícita em muitas situações cotidianas.

A luta organizada e articulada entre as mulheres negras na América Latina e Caribe tem denunciado as condições desiguais que enfrentam na saúde, educação, participação desigual no mercado de trabalho em relação aos demais segmentos sociais, tendo ainda no trabalho doméstico remunerado, uma participação majoritária. Morando em bairros ou em comunidades rurais sob condições inadequadas de moradia, sem acesso à infra-estrutura de qualidade, e exposta a diversas formas e níveis de violência, são mulheres afro-descendentes que buscam, sob a forma coletiva da luta política, artística, religiosa e cultural exercer seu papel de sujeito político pela igualdade racial.

A preocupação com especificidades de etnia e raça, presente neste projeto, é tema de Sueli Carneiro (2003): “Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero.”

Especialmente no que se refere à questão da violência, quando abordada a particularidade racial, encontramos outros elementos relacionados a ofensas ao direito à imagem ou a uma representação negativa de mulheres negras pelo peso dos estigmas seculares, com fortes marcas em sua auto-estima. Não dá para fechar os olhos! Segundo o último censo do IBGE, enquanto 45% das mulheres brasileiras são negras pretas e pardas, em termos de renda elas ocupam a base da pirâmide sócio-econômica. As mulheres negras correspondem a 18% da População Economicamente Ativa (PEA), ou seja, 14 milhões de pessoas, de acordo com a OIT. Se comparado ao percentual de mulheres brancas, há uma grande concentração de mulheres negras nos serviços domésticos, destacando-se também o trabalho sem remuneração. Isso evidencia que a mulher negra está mais exposta a vínculos empregatícios de baixo status social, baixa remuneração e acesso precarizado a direitos trabalhistas. Outras pesquisas são gravíssimas: o risco relativo de mortes maternas de mulheres negras é 7,4 vezes maior do que as não-negras; as taxas de alfabetização e escolaridade são de 90% e 83% para as mulheres brancas, contra 78% e 76% para as negras, respectivamente. Das famílias chefiadas por mulheres negras, 60% têm renda inferior a um salário mínimo. São as negras as maiores vítimas da falta de atendimento do SUS em caso de aborto legal.

As estatísticas oficiais dão conta e os meios de comunicação confirmam a freqüência de situações de violências a que são submetidos grupos socialmente vulneráveis como as mulheres, afrodescendentes, indígenas, homossexuais, entre outros. A violência atinge a todas as mulheres, mas no caso das negras, além da violência de gênero, elas sofrem violência racial, piorando consideravelmente a situação. As estatísticas brasileiras não abrangem a questão, mas pesquisas estadunidenses revelam que a taxa de

Escritório Central - Rua Abolição, 167 - Bela Vista - metrô Anhangabaú - SP

Site: www.uneafrobrasil.org - email: uneafrobrasil@gmail.com

Fone: 3105-2516 opção 3



União de Núcleos de Educação Popular para Negras/os e Classe Trabalhadora

homicídios para mulheres negras é de 12,3 para cada 100 mil assassinatos, enquanto que a taxa para mulheres brancas é de 2,9 para 100 mil.

Infelizmente o machismo e o racismo, manifestam-se a cada momento, em pequenos ou grandes gestos, fortalecendo ainda mais a máquina da exploração capitalista. Isso tem que acabar. E as mudanças devem começar entre nós, eliminando os preconceitos e estereótipos, também nos pequenos e grandes gestos, de cada militante. Quando e por onde começar? Já! Em cada ação pessoal e coletiva!

Os núcleos da UNEAFRO decidem que irão trabalhar em suas atividades locais os temas ligados à luta das mulheres, buscando protagonismo de nossas militantes, alunas, professoras, coordenadoras e demais solidárias, envolvendo também os homens em momentos de formação e realizaremos eventos tais como debates, seminários, oficinas e cursos para ampliar a compreensão das especificidades sobre a questão de gênero.

Nós, mulheres e homens da UNEAFRO - União de Núcleos de Educação Popular para Negras/os e Classe Trabalhadora, esperamos que o dia 25 de Julho seja uma dia de REFLEXÃO E MUDANÇA DE ATITUDE em todos os setores da sociedade quanto à luta por igualdade de gênero, respeito e justiça com a mulher negra, caribenha e latino-americana, nos nossos movimentos sociais, entidades, cursinhos comunitários, igrejas, partidos políticos, sindicatos. Quando a voz feminina será ouvida?

Assinam
Conselho geral
Coordenadores e delegados dos Núcleos